

Ex-invasores vivem no escuro

CORREIO BRAZILIENSE

17 MAR 1998

Famílias da Estrutural transferidas para Riacho Fundo II cobram documento assinado da CEB garantindo fornecimento de energia

As primeiras famílias remanejadas da invasão da Estrutural para o Riacho Fundo II ainda não receberam nenhum sistema de energia elétrica, saneamento ou transporte público. Faz seis meses que uma parte do acordo entre os moradores e governo foi cumprida: as famílias deixaram suas casas pacificamente e ocuparam os lotes determinados. Falta, ainda, a parte do governo.

Foi para cobrar uma das promessas não cumpridas que a comissão de moradores do Riacho Fundo II se reuniu em frente à Companhia Energética de Brasília (CEB) ontem.

Eles exigiram que a diretoria da empresa explicasse por que até agora nenhuma família da quadra QC 04, primeira a ser transferida para o local, tem energia elétrica em casa.

Os moradores conversaram com o diretor de distribuição da CEB, Nelson Hubner, e só se deram por satisfeitos quando ele entregou um documento escrito delimitando o prazo para a eletrificação. Em nota oficial, Hubner declarou que as 528 famílias terão energia elétrica em casa e nas ruas da quadra até o próximo dia 7.

"Exigimos que Hubner assinasse o documento porque já ouvimos várias promessas. Desde que nos mu-

damos para o Riacho Fundo, esperamos a energia elétrica. Agora, não queremos mais saber de conversa. As crianças estão ficando doentes e todos nós corremos riscos de assaltos. Já houve até caso de estupro. Além de ser muito escura, a nossa quadra é toda cercada de mato", denuncia a moradora Ilderline Maria Barbosa, 30 anos.

A CEB explica que a eletrificação da quadra QC 04, no Riacho Fundo, ainda não foi concluída porque houve um atraso na entrega do material. Segundo o diretor de distribuição, só na quinta-feira passada que os cabos de energia foram repassados à companhia.

"Sei que alguns moradores do Riacho Fundo II estão descontentes com o sistema de energia elétrico. Mas eles têm que entender que ainda estamos em fase de implementação e que este processo é realmente

lento e que seria impossível completar tudo em seis meses", justifica o presidente da CEB, José Carlos Vidal.

PROBLEMAS

Há seis meses vivendo sem energia elétrica, os moradores do Riacho Fundo II enfrentam problemas de saúde, segurança e transporte. Comida estragada, assaltos constantes, empresas de ônibus que se negam a parar no local são algumas das dificuldades diárias que os ex-invasores da Estrutural estão enfrentando na moradia legal prometida pelo GDF.

"Não estamos arrependidos pela mudança. Preferimos morar em lugar que seja nosso, por direito. Queremos fazer tudo dentro da lei. Queremos pagar nossa energia elétrica, nossa água e tudo o que a gente consumir. Mas o governo não está ajudando. Na hora de nos convencer a mudar, nos prometeram até

área de lazer. Mas a realidade está sendo outra e nos falta condições de fazer as coisas mais simples, como ir para o trabalho ou para a escola", critica Ilderline.

Neci Maria Pinheiro, 31 anos, costumava ajudar no orçamento da família fazendo alguns serviços em casa. Além de costurar, ela também vendia salgados. Desde que mudou para o Riacho Fundo II que o salário do seu marido é a única fonte de renda para sustentar os quatro filhos. Sem energia, Neci teve que suspender suas atividades.

"Não dá para fazer nada sem energia elétrica. Só na minha rua são quatro costureiras que estão paradas por causa disso. Todas nós dependemos deste dinheiro extra para ajudar em casa. É muito difícil viver sem luz. Só quem está há seis meses sem energia é que sabe a falta que ela faz", diz Neci.